

CARAVANAS AGROECOLÓGICAS E CULTURAIS DA

Mata Atlântica



Apresentação

“Um processo rico e mobilizador”. Essa é a principal impressão dos 2.500 participantes das Caravanas Agroecológicas e Culturais realizadas em todas as regiões do país ao longo do ano de 2013, em preparação ao III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA), realizado de 16 e 19 de maio de 2014, na cidade de Juazeiro (BA). Promovidas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) em parceria com organizações, redes e movimentos locais, as caravanas foram concebidas para que o exercício de uma nova perspectiva de análise sobre a construção da agroecologia fosse realizado e desenvolvido de forma descentralizada. Por meio das caravanas a ANA propôs o mergulho em distintas realidades nas quais a agroecologia disputa espaço físico, político e ideológico com projetos de desenvolvimento para os territórios opostos à perspectiva agroecológica: os monocultivos do agronegócio intensivos no uso de agrotóxicos e transgênicos, as grandes redes multinacionais de supermercados, a mineração, a especulação imobiliária e as grandes obras.

Nesses exercícios de análise territorial, a proposta agroecológica foi analisada à luz dos seus efeitos positivos sobre a vida social e sobre o mundo natural, contrastando-os com os impactos negativos advindos da imposição do modelo dominante. Explicitar e divulgar esses contrastes a partir das peculiaridades de territórios localizados nas diferentes macrorregiões brasileiras foi o principal objetivo do processo preparatório do III ENA.

Nesta publicação relatamos as experiências de quatro das doze caravanas que ocorreram em diferentes partes do Bioma Mata Atlântica: Zona da Mata Norte de Minas Gerais, Leste de São Paulo, nos estados do sul do Brasil,

e na região metropolitana do Rio de Janeiro. Buscando aprofundar os elementos que compõem esses territórios, trazemos um recorte da diversidade que integra esse bioma. Seguindo a ordem cronológica das caravanas, organizamos uma sistematização das atividades e análises sobre as características de cada um dos territórios percorridos. O intercâmbio de saberes e sabores, em meio a diversas manifestações culturais, proporcionou uma intensa troca entre agricultores, técnicos, estudantes, gestores públicos e outros setores da sociedade. Profissionais da área de comunicação irradiaram toda essa riqueza nos veículos de mídia de organizações parceiras. Atividades públicas envolveram as populações das cidades, e nos levaram a responder, a muitas vezes, e com grande riqueza de experiências, a pergunta central do III ENA: “Por que interessa à sociedade apoiar a Agroecologia?”

Subdivididas em diferentes trajetos, as caravanas trouxeram à tona diversas dimensões relacionadas à construção da agroecologia e seus desafios: reforma agrária e reconhecimento dos territórios dos povos e comunidades tradicionais, vigilância sanitária, plantas medicinais, transgênicos e agrotóxicos, acesso à água, promoção da saúde humana e ambiental, resistência aos grandes projetos geradores de injustiça ambiental, construção de mercados locais, manejo e conservação de bens naturais, empoderamento de mulheres e jovens, entre outros.

Em que pese a enorme diversidade de situações encontradas em cada território, é possível identificar elementos comuns nas discussões da mata atlântica. Esse trabalho servirá de subsídio aos debates e reflexões no III ENA, quando também serão estruturadas

“instalações pedagógicas” que facilitarão o debate sobre as realidades identificadas em cada uma delas.

A Caravana Agroecológica da Zona da Mata mineira foi planejada como experiência piloto no processo. Muitos representantes de outros estados, responsáveis por organizar caravanas em suas respectivas regiões, participaram para entender e experimentar a metodologia. Um denso estudo realizado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), apresentou as disputas territoriais da região, apontando como o agronegócio, os malefícios da exploração de minérios e a construção de barragens dificultam o desenvolvimento da agroecologia. Ao mesmo tempo, apresentou as estratégias de resistência dos agricultores e agricultoras familiares, a luta pela reforma agrária, a consolidação de Escolas Família Agrícolas (EFAs), dentre outros temas. Ao final da caravana, que foi percorrida por meio de três rotas pelo território, ocorreu um grande ato público na cidade de Espera Feliz (MG), onde os participantes tiveram a oportunidade de dialogar com gestores públicos sobre as políticas em debate nas atividades.

Discutir os caminhos da agricultura, evidenciar os conflitos com o agronegócio, fomentar a troca de saberes entre diversos atores na região, esses foram alguns dos objetivos da Caravana Agroecológica e Cultural do Leste Paulista. Organizada por diversas entidades que compõem a Articulação Paulista de Agroecologia (APA), percorreu quatro rotas passando por Campinas, Jaguariúna, Americana, Piracicaba, Araras e Bragança Paulista. No relato aqui apresentado trazemos a experiência de agricultores e agricultoras que trabalham dia a dia em favor de uma agricultura socialmente justa e ambientalmente sustentável, como no caso da Vila Yamaguishi, em Jaguariúna (SP).

Com o tema “Dinâmicas de Abastecimento e Construção Social de Mercados”, a Caravana Agroecológica e Cultural da Região Sul mostrou a expressiva produção ecológica e as diversas es-

tratégias de abastecimento e comercialização das organizações locais. Feiras, mercado institucional de compras públicas, circuito de comercialização, cooperativas de comercialização, cooperativas de consumidores, Box agroecológico na Ceasa, empreendimentos econômicos solidários, agricultura urbana, turismo rural, lojas virtuais, entre outras iniciativas econômicas, foram visitadas e debatidas. Os benefícios do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foram muito ressaltados. As experiências analisadas ajudam a mostrar que é possível estruturar sistemas de abastecimento alimentar democráticos, que beneficiem simultaneamente a produtores e consumidores, que favoreçam o fortalecimento de laços de cooperação social e que possibilitem o acesso a produção alimentar de qualidade e com diversidade para o conjunto da população.

A Caravana Agroecológica e Cultural da região metropolitana do Rio de Janeiro evidenciou intensos conflitos socioambientais que representam ameaças diretas à agricultura urbana e periurbana em bases agroecológicas. Vargem Grande/Jacarepaguá/Campo Grande, Nova Iguaçu e Baía de Sepetiba foram os três principais eixos das rotas da Caravana. A especulação imobiliária e a implantação de megaempreendimentos siderúrgicos, esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas) e a construção civil (empreiteiras), foram alvo de debate. A questão das Unidades de Conservação que dificultam a agricultura urbana e periurbana, e a invisibilização destas pelas políticas de ordenamento territorial nos municípios da região, foram outros focos dos debates. Por outro lado, quintais com plantas medicinais, feiras realizadas na cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, dentre outras experiências, são algumas das estratégias de resistência das organizações dos agricultores e agricultoras da região.

Conheça um pouco mais a Mata Atlântica sob o olhar das Caravanas Agroecológicas e Culturais, boa leitura!



MG

CARAVANA AGROECOLÓGICA E CULTURAL DO

Zona da Mata

Posse da terra e direitos territoriais, identidade e cidadania, gênero, saúde, soberania e segurança alimentar e nutricional, dentre outros temas, deram norte à Caravana Agroecológica e Cultural da Zona da Mata, em Minas Gerais. As atividades ocorreram entre os dias 21 e 25 de maio de 2013, com três rotas definidas: Araponga, Muriaé e Acaiaca. O processo foi coordenado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) junto aos seus parceiros regionais. Discutiu com a sociedade o projeto de agroecologia como proposta de mudança de paradigma frente ao modelo de desenvolvimento hegemônico. Aproximadamente trezentas pessoas, cinquenta delas visitantes de outros estados, acompanharam a Caravana.

Além das visitas às experiências na região, foram realizadas ações em espaços públicos em diálogo com a sociedade. Assentamentos de Reforma agrária, produções agroecológicas de agricultoras e agricultores familiares, sindicatos, cooperativas e associações, unidades de conservação, foram alguns dos locais percorridos. Os conflitos socioambientais nesses territórios, evidenciados nas barragens e focos de mineração, também foram pautados no trajeto. A educação foi outro tema em questão, com visitas ao Instituto Federal Tecnológico de Muriaé e em experiências de Educação Popular e do Campo nas Escolas Família Agrícola Puris (Araponga) e Paulo Freire (Acaiaca).

Algumas perguntas chaves orientaram o olhar sobre os locais vistos e experiências visitadas, cujas respostas serão sistematizadas a partir das reflexões geradas durante a realização das Carava-

nas em todo o Brasil. Por ser a primeira, o desafio metodológico foi enorme. Os organizadores levaram meses em contato com entidades locais e agricultores e agricultoras, cobrando de todos e todas um grande esforço nessa construção. Assim foi possível conhecer *in loco* as disputas da agricultura familiar pelos territórios, ao mesmo tempo em que deu oportunidade aos movimentos e organizações da região de aprofundar o debate sobre as experiências aproveitando o olhar e as percepções dos/as visitantes. A visibilidade de situações de conflito em contraste com ações positivas da agroecologia também foi fruto dessa iniciativa. Tudo foi construído a partir de um diálogo dentro da ANA através de uma comissão organizadora nacional e outra regional. Discussões mais amplas foram adaptadas às características dos territórios, escolhidos pelas organizações locais.

A abertura ocorreu na sede do CTA-ZM, onde houve uma atividade artística e foi apresentado um mapa e imagens da região, com a demarcação dos conflitos e das experiências agroecológicas a visitar. Na ocasião também foi lançado o Projeto Mulheres e Agroecologia em Rede, uma realização do GT Mulheres da ANA. No dia seguinte as vans seguiram suas rotas, passando por cerca de trinta e cinco municípios. Todos se encontraram em Espera Feliz (MG), onde houve uma caminhada nas ruas centrais da cidade dialogando com a população sobre os temas em debate. Um grande ato público marcado pela arte, pela cultura popular, pela mística da Agroecologia e pela presença de diversas autoridades, como representantes da Secretaria Geral da Presidência da República, da Companhia Nacional de Abastecimento,

deputados, prefeitos, líderes comunitários, entre outros, marcou o fim da caminhada. Na manhã seguinte, no Parque Nacional do Caparaó, ocorreu a mística de encerramento marcada pelos povos tradicionais, a cultura ancestral e a relação com a espiritualidade e com a natureza.

Conflitos na região

A dificuldade de acesso à terra e o conflito entre os meeiros e patrões são questões presentes na luta dos movimentos e organizações sociais da Zona da Mata mineira, desafios importantes na construção da Agroecologia na região. Uma das visitas que retrata esse cenário ocorreu em Araponga, município em que a democratização da terra se deu a partir da compra coletiva mediada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais ainda no final dos anos 80. As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) foram determinantes na formação política e organização do movimento. Com a conquista de terras desenvolveram o manejo agroecológico, principalmente os sistemas agroflorestais com café. “Até obter minha terra não era possível trabalhar como havia aprendido com os meus pais, pois o manejo era imposto pelo patrão”, disse Paulinho, agricultor familiar. Neide, ex-presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga, lembrou que essa conquista foi um empurrão para a criação da política de crédito fundiário no Brasil.

A experiência de conquista de terra via reforma agrária também foi visitada, com a passagem da Caravana no Assentamento Olga Benário, em Visconde do Rio Branco, onde vivem 28 famílias. Foram 760 ha de terra ocupa-

dos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2005, marcando sua chegada na Zona da Mata. Os agricultores relatam a melhoria de suas vidas, pois apesar das dificuldades não têm mais patrões. “A terra me trouxe liberdade, saúde e vontade de viver”, diz o agricultor Luiz. Os moradores continuam com problemas no acesso ao crédito, o que dificulta o estabelecimento da família nas terras.

O desafio de manter a juventude no campo foi tema de debate em Divino, outra visita da caravana, e a posse da terra foi apontada como principal motivo. O sindicato local tem ajudado diversas famílias no acesso ao crédito fundiário, assim como as habitações pelo Programa Minha Casa Minha Vida Rural. Foi a primeira cidade de Minas a assinar o projeto de habitações e hoje tem mais de 115 casas construídas pelo Programa. O caminho do crédito também foi trilhado em Espera Feliz, no Assentamento Padre Jesus, onde estão 21 famílias assentadas. “Essa é a minha terra! Agradeço a Deus, pois toda terra precisa de uma energia. Não se podia plantar feijão do tempo, só o das águas sem levar em conta a nossa necessidade! É uma oportunidade da vida!”, desabafou Itamar Estevam. Onde antes havia uma fazenda com solos degradados e contaminados por agrotóxicos, hoje os agricultores, que acessam o programa oficial de crédito para agricultura familiar, revitalizaram o terreno por meio da agroecologia.

São avanços no cenário das políticas públicas para o setor, porém alguns agricultores questionam os critérios para acessar o crédito fundiário. Os contratos, segundo eles, deveriam se diferenciar pela posse de terra e pelo



poder de investimento da agricultura familiar. O não uso de agrotóxico nas propriedades e a desburocratização do processo também são necessidades apresentadas. Ainda no campo dos territórios, a Caravana conheceu em Abre Campo, no rio



Matipó, uma experiência articulada pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Com a instalação de duas barragens, Emboque e Granada, 94 famílias foram atingidas. Graças à pressão do MAB só agora, depois de 15 anos de implantada a hidrelétrica, foram iniciados os diagnósticos para se apresentar o plano de ação compensatório. Assim aconteceu também com o grupo da Marta, no povoado de São Sebastião do Soberbo, em Santa Cruz do Escalvado, onde outro projeto atingiu 720 famílias.

Mercados, economia e trabalho

A contabilização de tudo que é produzido, no que diz respeito à organização do trabalho, é uma característica na propriedade dos agricultores Dadinho e Cida, de Pedra Dourada. Contam até o que não é gasto, portanto renda, mesmo que não monetária, como o esterco das galinhas para adubar a terra. É o caso também do casal Tibúrcio e Eliza, de Espera Feliz, que registram tudo por conta da certificação. “Ganhar dinheiro é assim, economizando e comendo bem. Não gastar dinheiro é renda”, disse o camponês. Ele aconselha a não focar o investimento numa coisa só, pois a diversificação rende mais.

A certificação de propriedades também tem contribuído nas estratégias de comercialização dos agricultores da região. Feiras livres, venda direta e a partir de cooperativas ou associações para

o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) ou Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), são algumas iniciativas. Apesar de mais desgastante, a venda de porta em porta também é uma aposta dos agricultores.

Em Espera Feliz, Tibúrcio participou da criação da Cooperativa de Economia Solidária de Espera Feliz - COOFELIZ, hoje com mais de 100 sócios. Tem facilitado o acesso às políticas e a venda para redes de consumidores em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Viçosa (MG). A Associação dos Agricultores Familiares (AGRIFAS), em Simonésia, é outro exemplo bem sucedido nas vendas via compras institucionais. Todas essas experiências visitadas relataram a ampliação e diversificação produtiva, e o fortalecimento das práticas agroecológicas pelo acesso a esse mercado. É importante em uma região marcada pela monocultura do café, com altas doses de adubação química e agrotóxicos. As exigências da vigilância sanitária, no entanto, dificultam a adequação desse trabalho. O processamento dos alimentos é a atual meta de alguns deles.

A produção de pães, bolos, tortas, doces e outros, é característica do grupo das “Quitadeiras de Divino”, aproveitando alimentos como mandioca, batata doce e inhame. A cozinha comunitária de Manhumirim vai permitir a produção coletiva de quitandas e doces para comercialização das famílias envolvidas. Outro produto da zona da mata mineira é o café orgânico da Associação da Agricultura Familiar (AAFA), em Araponga, única que comercializa no mercado externo. São quase trinta famílias envolvidas, mas sofrem com a oscilação do preço do produto. Um problema

enfrentado nessa região, segundo relatos, é a reestruturação produtiva da Pif-Paf que influencia na sustentabilidade das pequenas granjas da região. Os contratos de integração geram uma relação de dependência entre a empresa e as granjas em que os/as agricultores/as ficam a mercê da renovação dos contratos

Identidade e cidadania

Terras que serviam de refúgio ao povo indígena Puri, hoje são o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB). Criado em 1996 para amenizar o impacto da produção de carvão e exploração de madeira, hoje é um ponto turístico da região. “As 700 famílias camponesas que ali viviam garantiam a diminuição do desmatamento”, enfatizou Eugenio Ferrari, co-fundador do CTA-ZM. Por isso foi travada uma luta, articulada por dez sindicatos da região, para a permanência das comunidades. O IEF – Instituto Estadual de Florestas recuou na sua proposta inicial, reduzindo a área originalmente prevista do Parque. A saída encontrada foi a agroecologia, principalmente via Sistemas Agroflorestais, para o manejo sustentável dos moradores. Ações do governo têm fortalecido a identidade desses territórios através da preservação e conservação dos recursos naturais, agricultura familiar diversificada, turismo rural, agroindústria familiar, artesanato e cultura.

Outra experiência de promoção e resgate da identidade do povo ameríndiafricano da Zona da Mata foi a conversa com os “Filhos de Eva”, grupo de Caxambu, na praça de Carangola. A manifestação cultural popular foi um ponto forte da caravana, se revelou um excelente instrumento de comunicação com a sociedade. O Caxambu é presente em Minas Gerais, Espírito Santo e noroeste do Rio de Janeiro. Chamado “pisa café”, com canções de trabalho, é parente do Jongo. “Quando a roda de Caxambu tá quente, senti-

mos os entes passados juntos. Chora tambor, vai buscar quem mora longe”, diz Mariquinha, representante do grupo.

Participação das mulheres

O protagonismo das mulheres na luta pela Agroecologia na Zona da Mata tem crescido pela conquista de espaços de tomada de decisão dentro das organizações da agricultura familiar. Além das tarefas assumidas pelas mulheres nas casas, com os quintais e lavouras, hoje muitas são presidentas dos Sindicatos, Associações e Cooperativas e lideram pequenos negócios e empreendimentos, contribuindo para a renda da família. Mas ainda é preciso um maior empoderamento delas na agroecologia. Na compra coletiva de terras seus nomes têm sido assegurados nas escrituras. O espaço das mulheres nas organizações da agricultura familiar foi conquistado pela pressão das próprias mulheres e pelos debates sobre a importância da sua participação ativa. A valorização das mulheres é garantida através da afirmação da autonomia dentro de casa e na propriedade, e através de instrumentos como as cadernetas agroecológicas, que o CTA-ZM desenvolveu para contabilizar a produção dos quintais, isso tem evidenciado a renda gerada pela diversidade agroecológica.

Histórico das lutas das organizações locais

Os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) na Zona da Mata foram constituídos nos anos 80, com o apoio das Comunidades Eclesias de Base (CEBs), Comissão Pastoral da Terra e Pastoral da Juventude Rural (PJR). Contribuíram na formação política dos agricultores, e hoje a agroecologia, por meio da parceria dos sindicatos com o CTA-ZM, tem sido o diferencial na luta local. A criação das Escolas Família Agrícola (EFA) foi outra vitória dos movimentos, instaladas em mais de cinco cidades da região. As pri-

meiras tentativas foram difíceis, houve resistência dentre da Igreja e na Universidade. A EFA Camões, apesar de seus 18 anos, por exemplo, ainda enfrenta conflitos e escassez de recursos.

Outra iniciativa importante no contexto da região é o cooperativismo e associativismo. Em destaque as Cooperativas do sistema de crédito CRESOL, organizadas pelos agricultores e com mais de 300 sócios. Possibilita empréstimos para colheita de café e compra de equipamentos, oferecendo assistência técnica e aumentando as chances de sucesso do projeto. O sistema viabiliza o acesso ao crédito em valores e juros abaixo do valor do mercado, é um grande avanço sócio-organizativo da agricultura familiar.

Saúde e alimentos saudáveis

“Plantamos primeiramente para comer, só depois é que plantamos para vender”, afirmou Neide, agricultora familiar de Araponga. A diversidade produtiva tem garantido a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional na região através da agroecologia. A caravana serviu de reflexão para Marcelo, agricultor do assentamento Olga Benário, que mudou seu sistema produtivo. Ele criava gado leiteiro, galinha e porco, dizendo que não tinha tempo para outras culturas, mas percebeu que comprar comida de má qualidade para sua família não valia à pena. Meses depois investiu na diversificação, diminuindo o número de animais e investindo em hortas.

Muitas famílias na região são assediadas por representantes de venda de agrotóxicos e sementes transgênicas, com objetivo de induzir as comunidades a comprar esses pacotes. Nadir, moradora de Araponga, é uma das agricultoras que tem orgulho de tratar tanto as plantas, os animais e a família com medicamentos homeopáticos e receitas da medicina popular. Na propriedade de Fifi, em Acaiaca, são utilizadas diversas sementes criou-



las, e no município de Araponga há 15 anos funciona um banco de sementes junto aos guardiões dessas sementes.

Proteção, manejo e conservação dos recursos naturais

Um lugar naturalmente belo, mas rodeado pela extração predatória de bauxita (mineral para fabricação do alumínio), do grupo CBA-Votorantim, essa é a situação de Pirapanema, distrito de Muriaé. O tanque de bauxita na empresa, o tráfego intenso de caminhões pesados e o impacto na comunidade serviram de reflexão durante a visita na caravana. A exploração dos recursos naturais no território é o principal problema, visto pela caravana nas placas nas estradas indicando áreas do mineroduto. Uma multinacional pretende exportar para a China o minério de ferro, que é levado até o litoral do Espírito Santo passando por de Áreas de Preservação Permanente (APP). Em protesto, também com um palanque na praça central, um carro de som deu voz às resistências locais a esse projeto.

Esse cenário se repete em outros municípios da Zona da Mata. A cidade de Simonésia, por exemplo, tem suas terras totalmente mapeadas pela mineração, com 27 áreas para exploração de bauxita. Os/as agricultores/as vivem sob constante ameaça, temendo serem retirados de suas terras a qualquer momento. Além da mineração, outros dois projetos de barragem serão executados no rio

que corta o município. Os moradores sofrem com as imposições do atual modelo de desenvolvimento.

Mas a Caravana também foi atrás de experiências que resistem promovendo a Agroecologia pela região. A EFA Camões, na passagem do minero-duto, ensina estudantes do campo a valorização da cultura local e alimentos agroecológicos. Gilberto e Luciana, agricultores da comunidade de Vargem Grande, relataram que as árvores junto do cafezal são muito importantes, pois garantem sombra para os trabalhadores quando estão na apanha do café. Gilberto disse que muitas dão frutos, que servem de alimento à família e outros animais, além de deixar o cafezal mais bonito. A recuperação de nascentes, graças ao manejo agroecológico, foi outra questão apontada pelos agricultores na região confirmando a capacidade de conservação dos recursos naturais com esse modelo.

Avaliação da caravana pelos participantes

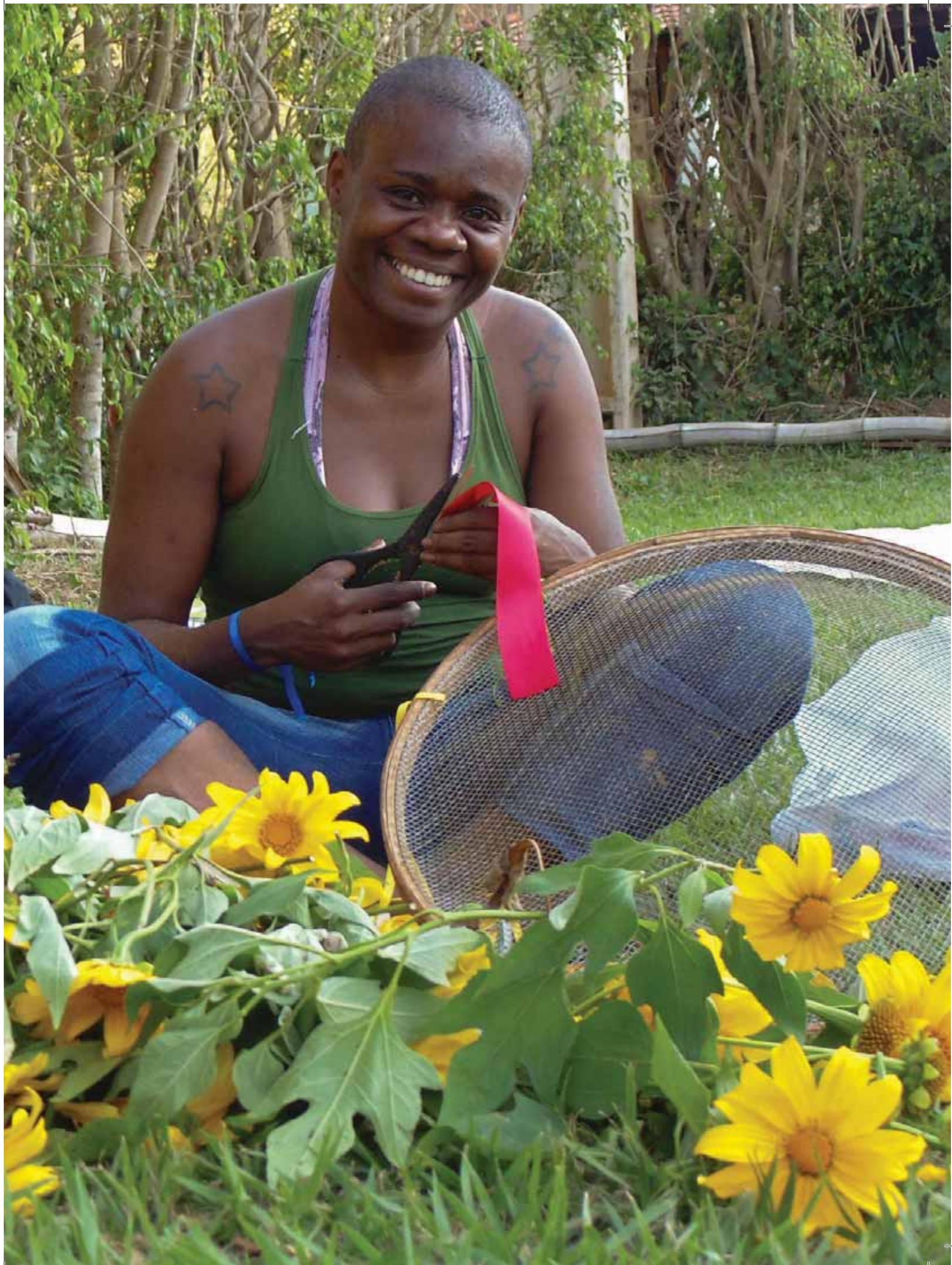
Após o encerramento das atividades, houve uma roda de discussão com os participantes no auditório da sede do Parque do Caparaó. Os organizadores da caravana trocaram impressões com as pessoas que acompanharam as atividades, e chegaram a algumas conclusões importantes sobre este processo inovador. Um dos principais ganhos

apontados foi a unificação da pauta na região em torno da agroecologia, transferindo o foco de tensão para os adversários comuns, e permitindo que os movimentos se conhecessem mutuamente.

A metodologia de intercâmbio e visitação foi vista como acertada e ousada, contando com a autonomia das organizações nessa construção, que saíram fortalecidas, de forma a proporcionar também dados sobre as experiências agroecológicas nos municípios através da troca de saberes. Garantiu a imersão na realidade através das vivências e serviu de modelo para as outras caravanas, além de possibilitar o fortalecimento e visibilidade dos movimentos e experiências locais. Os conflitos são reconhecidos e a resistência valorizada. A caravana também serviu para construção de políticas públicas, sugestões para Assistência Técnica e Extensão Rural, e reforçou a importância da agroecologia como ciência, prática e movimento.

Síntese elaborada pela secretaria executiva da ANA a partir de informe produzido por Nina Abigail Caligiorne Cruz, Glauco Regis Florisbelo e Leonardo Abud Dantas de Oliveira.







SP

CARAVANA AGROECOLÓGICA E CULTURAL DO

Leste Paulista

Discutir os caminhos da agricultura, evidenciar os conflitos com os monocultivos intensivos em agrotóxicos, fomentar a troca de saberes entre diversos atores na região, esses foram alguns dos objetivos da Caravana Agroecológica e Cultural do Leste Paulista, realizada entre os dias 08 e 10 de novembro de 2013. Organizada por diversas entidades que compõem a Articulação Paulista de Agroecologia (APA), percorreu quatro rotas passando por Campinas, Jaguariúna, Americana, Piracicaba, Araras e Bragança Paulista.

Cerca de cinquenta participantes presenciaram, no Centro Cultural de Integração e Inclusão Social da Unicamp, a abertura das atividades. Além de visitar a feira Pé na Roça, da agricultura familiar, economia solidária e produtos orgânicos, na ocasião foi apresentado o projeto permanente de extensão universitária “Sexta na Estação”, que tem como objetivo principal promover um espaço de debate sobre Agroecologia. Conheceram ainda na universidade o espaço Sementeira, um acervo bibliográfico e videográfico em agroecologia e áreas correlatas. O grupo de samba “Projeto Alvorada”, de estudantes da Unicamp, encerrou as atividades no primeiro dia da caravana.

Instalados na Vila Yamaguishi, em Jaguariúna (SP), local referência em orgânicos na região, os participantes acompanharam a apresentação e discussão sobre o histórico de ocupação regional do leste paulista. Francisco Miguel Corrales, da Embrapa Meio Ambiente, destacou a importância das organizações e movimentos nesse processo de transição agroecológica apontando diversos projetos da Rede de Agroecologia do Leste

Paulista nessa consolidação. As visitas contaram com o apoio de um monitor e um responsável pelos contatos locais com os agricultores, além de pessoas que fizeram a cobertura e sistematizaram as experiências. Esta equipe foi coordenada pela professora Giovanna Fagundes e seus alunos, do projeto de extensão em Agroecologia da Unicamp.

Vila Yamaguishi

Fundada em 1987 em Jaguariúna por um grupo de cinco recém-formados em agronomia e veterinária que tinham o ideário de buscar um modelo de agricultura alternativa, devido às experiências negativas em suas famílias com a produção com agrotóxicos, criaram um projeto de inspiração anarquista. Segundo Romeu Leite, morador do sítio e coordenador de avicultura da vila, esse conceito foi criado em 1953 por Miyozo Yamaguishi e propõe a constituição de uma rede global de comunidades baseadas em formas horizontais de relações, produção e troca que considerem em sua essência a harmonia com o ambiente. Após três anos em contato com essa corrente, seus fundadores no Brasil criaram uma vila onde famílias de voluntários se estabelecem procurando um estilo de vida mais igualitário.

“A administração é feita através de reuniões diárias coletivas, onde prevalece a lógica de tomada de decisões através de consensos e as rendas obtidas pelo grupo são posse coletiva. Um diferencial importante é que suas decisões partem de uma base de valores onde o senso de bem estar coletivo, cooperação e felicidade são mais importantes que as questões monetárias. É uma referência em produção de base ecológica no leste paulista”.

Alinhada com os princípios da agricultura natural, começaram com a produção voltada para auto-consumo e hoje é referência na região. A produção de ovos orgânicos é integrada à produção vegetal com mais de 70 variedades, como banana, mandioca, milho, pupunha, agroflorestas e horticultura. Seu forte ainda é a produção de ovos orgânicos, com cerca 8.000 galinhas poedeiras que são criadas soltas e alimentadas com ração orgânica feita pelo grupo. Tudo é reaproveitado, seu cultivo tem um sistema integrado, desde o esterco das aves e suínos até a sobra de alimentos são utilizados para compostagem. Assim garantem um adubo de qualidade, sem a dependência de insumos externos. Todos saem ganhando: agricultor, consumidor e meio ambiente.

Rotação de culturas, cultivos agroflorestais e policultivos, fundamentados na agroecologia, são praticados na Vila. Com a preservação de matas e o reflorestamento foi possível revitalizar uma nascente, visando a preservação do local inclusive para os animais silvestres. Também oferecem educação ambiental na região, e ajudam comunidades no entorno com a limpeza e repovoamento dos rios da região.

Desde meados de 2001 a comercialização dos produtos é feita diretamente com o consumidor. A experiência negativa com supermercados mostrou que a comercialização sem atravessadores além de garantir maior renda ao agricultor promove uma diminuição do custo do produto ao consumidor. Atualmente, realizam quatro feiras em Campinas e enviam produtos para a feira do Ibirapuera, na capital paulista. O principal meio de comercialização são as entregas a domicílio dos produtos orgânicos do sítio.



Outras experiências em Campinas

Também na região de Campinas, a Horta Comunitária Cio da Terra, no Parque Itajaí, colocou em questão a importância da adoção dos princípios da agroecologia pelas práticas de agricultura urbana e sua relação direta com a segurança alimentar e nutricional. Construída a partir dos anos 2000, foi crescendo depois que recebeu um terreno da prefeitura para viabilizar um projeto de assistência a pessoas de baixa renda no bairro. Apesar do investimento, o terreno da horta ficou abandonado cerca de dez anos até que o agricultor João Novais, fundador da horta, revitalizou o local. Aquilo que começou como terapia para tratar um problema pessoal de saúde foi crescendo, e apareceram compradores para as hortaliças. As pessoas do bairro começaram a participar do empreendimento, que no início utilizava adubo químico e agrotóxico, e a produção foi aumentando. A prefeitura, através do Departamento de Trabalho e Renda, formalizou a associação.

A Cio da Terra, por meio de um projeto da Unicamp em parceria com a prefeitura, adotou os princípios da agroecologia e começou sua produção orgânica. O curso também possibilitou o intercâmbio com outras experiências e a construção de uma rede. Após altos e baixos e a consolidação de novos projetos, hoje cerca de vinte famílias são cadastradas. Já ganhou prêmios de sustentabilidade ambiental, e aumentou seu número de consumidores. Atualmente tem um ponto de venda que permite à comunidade o acesso a alimentos de boa qualidade por um baixo preço, mas ainda enfrenta grandes problemas de estruturação e falta de reconhecimento pelo poder público.

Americana e Piracicaba

Passando por Americana, aconteceu a visita à Cooperacra, que funciona como distribuidora regional de produtos orgânicos e agroecológicos da agricultura familiar. Com cerca de trinta agricultores e diversos produtos, o projeto começou com poucas vendas e algumas doações para famílias carentes e creches. Hoje atende em média 1.800 pessoas em três creches, via o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e querem investir no beneficiamento dos seus produtos.

Membro da cooperativa, o agricultor e poeta João Alves relatou que após muitas dificuldades na luta pela legalização da terra os assentados se uniram e permaneceram nas terras. A dificuldade, segundo ele, é envolver mais pessoas e ampliar o projeto. “O trabalho da produção agrícola é pesado e acaba desmotivando muitas pessoas que inicialmente entraram no projeto”, disse.

Para facilitar a comercialização dos produtos fundaram a associação, mas há 16 anos continuam lutando pela documentação que legaliza as posses. Isso dificulta na participação de projetos de financiamento, além de dificultar o pequeno agricultor a acessar informações sobre editais. Entraves impostos pela vigilância sanitária, pelas políticas públicas e pela indústria de saúde são alguns dos desafios do empreendimento. A agrofloresta é um dos trabalhos realizados, e em todas as falas dos agricultores vemos um carinho muito grande pelo trabalho no campo e pela permanência do projeto, cuidando para envolver os jovens a participar do dia a dia do trabalho. A caravana percorreu a enorme biodiversidade cultivada na área.

Um Sistema Agroflorestal, também na região de Americana, foi visitado. A área existe desde 1989 e tem mais de cem espécies diferentes, principalmente frutas. A horta primavera, também no entorno, existe desde 2006 e vende a produção no local. Esses projetos recebem um incentivo

de água e luz pela prefeitura, e há também uma política de incentivo à ocupação de espaços públicos com hortas urbanas.

Nas visitas a Piracicaba, por sua vez, a caravana passou por sítios orgânicos rodeados de plantações de cana de açúcar e usinas. Essas experiências sofrem enorme pressão do agronegócio e da indústria. A diversidade de legumes, hortaliças e frutas é visível.



Orgânicos em Araras

Na região, foram visitadas propriedades da agricultura familiar, como o assentamento Araras 3, no município de Araras. Bananais, produção diversificada de hortaliças, dentre outras culturas. A família visitada participa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde 1990, e seus lotes hoje demarcados começaram a produção orgânica no início de 2013. Desde a concessão da terra em 1997, os agricultores utilizavam muitos fertilizantes, pesticidas e inseticidas químicos, e hoje têm dificuldade para a transição orgânica, inclusive pela falta de assistência técnica e das exigências da certificação orgânica. Comercializam atualmente para uma grande rede de supermercado na região.

Na fazenda Boa Esperança, município de Leme, foi servida uma feijoada vegetariana aos partici-

pantes e as irmãs Clarissa e Juliana Mansur narraram o histórico da propriedade e suas motivações para abandonar suas carreiras urbanas, como nutricionista e administradora de empresas. Elas adotaram uma produção agroecológica, através das práticas da agricultura natural, e praticam a venda direta através da entrega semanal de cestas de produtos. O local também promove vivências terapêuticas, cursos, e almoços. Suas principais dificuldades também estão relacionadas à certificação para conseguirem acesso ao mercado de produtos orgânicos com agregação de valor. Ainda no município de Leme, engenheiro agrônomo e integrante do sistema participativo de garantia da Associação de Agricultura Natural de Campinas, Otávio Faria, impressionou os participantes ao mostrar sua produção extremamente diversificada em meio às plantações de cana no entorno. Ele faz uso bem sucedido da homeopatia.

Cooperativas em Bragança Paulista

Após uma breve performance do grupo de teatro local, realizada na Central de Processamento da Cooperativa Entre Serras e Águas, Vanina Sperendio, vice-presidente da Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista e coordenadora do curso de nutrição, falou sobre a importância de se adquirir produtos da agricultura familiar, especialmente orgânicos, para a qualidade da alimentação escolar. Desde 2010 seu município tem essa preferência, embora encontre muitas dificuldades para manter esta postura devido às mudanças na gestão pública.

A deputada e fundadora da Associação Bragantina de Combate ao Câncer (ABCC), Rita Valle, disse que sua entidade recebe produtos da agricultura familiar, incluindo orgânicos, através do PAA. Cidadãos em tratamento oncológico, incluindo seu marido, foram liberados pelo nutricionista para consumir morangos orgânicos,

após longos períodos se alimentando de suplementos. É muito importante esse programa na região, segundo Leandro Caetano, representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Bragança Paulista. Ele também falou sobre o processo de adequação às regras do programa e o trabalho conjunto com a Cooperativa de melhoria dos sistemas de controle de distribuição, qualidade e prestação de contas.

O fundador e secretário Cooperativa, Hatsu Ono, agricultor familiar orgânico, destacou a mudança nos destinos dos agricultores após o lançamento dos programas do governo de incentivo à agricultura familiar. Relatou, no entanto, a dificuldade de se obter mão-de-obra, especialmente para os mais velhos, pois é difícil manter a atividade. Sua filha, a jornalista Andréa Ono, ressaltou a importância da qualidade da alimentação escolar na região. Para ela, além de referência de saúde é um mercado para pequenos agricultores que garante a sobrevivência da família no campo. Por outro lado a jornalista criticou a omissão de gestores públicos com relação ao cumprimento efetivo de políticas públicas. O prefeito de Bragança, Fernão Dias Leme, falou sobre as dificuldades de implementar o Programa Nacional de Alimentação Escolar devido à terceirização da alimentação escolar, mas comprometeu-se a viabilizar o programa.

Na outra rota de Bragança Paulista, na propriedade de Vilda Bertoldi, com plantações de uva e ponkan com tratamento homeopático, foi debatido o fato de a poluição da cidade estar prejudicando sua plantação. Por isso ela não pode ser certificada como produtora orgânica. Depois dessa visita a Caravana seguiu para o Parque Ecológico Monsenhor Emilio José Salim, em Campinas, local da maior feira de produtos orgânicos da região. Promovida pela Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC) há 22 anos, atualmente a permanência



da feira é questionada pela Central de Parques Urbanos, da Secretaria do Meio Ambiente do Estado. A resolução nº 21 de maio de 2011 determina aos feirantes o pagamento de 32,5% da renda bruta auferida na feira, taxa que inviabiliza a continuidade da feira. Os feirantes recolheram cerca de 800 assinaturas apoiando a permanência da feira, e fizeram uma passeata junto aos frequentadores do parque em defesa da feira e da área de preservação que vem sendo ameaçada pela especulação imobiliária.

Os participantes da caravana interagiram com os produtores, conheceram e adquiriram produtos da região e seguiram então para o Casarão do Parque Ecológico, onde foi servido o almoço e iniciada uma rodada de impressões e discussões acerca das experiências vivenciadas. A Caravana renovou e ampliou as forças da luta pela Agro-

ecologia em cada comunidade representada. Na ocasião foi construído um manifesto em favor da agricultura familiar, agroecologia e produção orgânica. O documento faz críticas ao modelo de desenvolvimento rural hegemônico no Brasil, apontando alguns dos seus males, e exige um modelo de desenvolvimento sustentável e justo no campo. Os agrotóxicos e transgênicos são os principais problemas evidenciados no manifesto, embora documentos das Nações Unidas tenham apontado a agroecologia como o único enfoque capaz de enfrentar os desafios das mudanças climáticas e de garantir a segurança alimentar e nutricional no mundo.

Síntese elaborada pela secretaria executiva da ANA a partir de relatório elaborado por Romeu Mattos Leite e Giovanna Fagundes.



A Caravana Agroecológica e Cultural do Sul mobilizou as organizações do campo agroecológico em torno do tema “Dinâmicas de Abastecimento e Construção Social de Mercados”. A Região Sul conta com uma expressiva produção ecológica e vem construindo diversas estratégias de abastecimento e comercialização: Feiras, Mercado Institucional, Circuito Sul de Comercialização, Cooperativas de comercialização, Cooperativas de Consumidores, Box Agroecológico na Ceasa, Empreendimentos Econômicos Solidários, Agricultura Urbana, Turismo Rural, Lojas Virtuais, entre outras. Algumas dessas experiências foram visitadas durante a Caravana, realizada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná entre os dias 18 e 20 de novembro de 2013. Participaram técnicos/as, pesquisadores/as, estudantes e diversos agricultores e agricultoras de outros estados, além de integrantes e entidades da região sul.

As atividades foram divididas em duas rotas percorridas de ônibus, e ao final os participantes se encontraram em Curitiba (PR), onde houve um seminário com avaliações do processo e um ato público em defesa do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no estado. Economia solidária e soberania alimentar foram temas presentes nos debates durante a caravana.

A agroecologia vem desconstruindo a visão na região de que não é possível comercializar fora do grande varejo concentrador e excludente, de que é utopia pensar em mercados que não sigam a lógica da competição e da exploração. Assim, busca um mercado alternativo para os produtos ecológicos, democratizando o acesso e

popularizando o seu consumo, em contraposição à proposta elitista dos nichos de mercado. Vem construindo novas formas de distribuição e circulação da produção da agricultura familiar e camponesa, através de dinâmicas que aproximam os atores sociais do campo e da cidade. Privilegiando as formas diretas e em rede nos mercados locais e regionais, com ênfase na economia solidária, promove o consumo consciente e responsável. O consumo é entendido como uma ação política, aliando o interesse das pessoas em se alimentar melhor à compreensão de que estão contribuindo para o fortalecimento das organizações sociais e produtivas do campo agroecológico: produção de alimentos de alta qualidade ao mesmo tempo em que recuperam e conservam os recursos naturais.

Também tem fortalecido o mercado institucional das compras públicas de alimentos, importante conquista da sociedade brasileira, que tem contribuído significativamente para a diversificação das dinâmicas locais de abastecimentos e incidido positivamente no processo de transição agroecológica pela sua capacidade estruturante e dinamizadora do processo de comercialização e no fortalecimento das relações e parcerias entre os segmentos populares do campo e da cidade. Cabe destacar o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), que vêm contribuindo de forma decisiva para a ampliação dos espaços de escoamento da produção ecológica e da agricultura familiar e camponesa. Ao mesmo tempo, possibilita o fornecimento de alimentos de alta qualidade aos grupos sociais em situação de risco social e aos estudantes de toda a região.

Relatórios, junto a documentos e pesquisas das organizações envolvidas na realização, foram produzidos, além de um registro audiovisual do evento e reportagens no site da ANA. Dados e análises dessas entidades subsidiaram a sistematização da caravana, que apresenta referências sobre: autonomia e independência das entidades, organização, articulação e ação em rede, protagonismo das mulheres, parceria com organizações urbanas, valorização da agrobiodiversidade e da cultura alimentar local, certificação, defesa e fortalecimento de políticas públicas como o PAA, etc.

Concentração e exclusão no setor de alimentos a as resistências da agricultura familiar e camponesa

Esse movimento que compõe o atual cenário na região foi sendo construído historicamente em contraposição a um mercado que se desenvolveu nos últimos anos em todo o mundo, com forte presença das multinacionais na agroindustrialização e distribuição. O modelo neoliberal nos anos 1990 no Brasil possibilitou a abertura para o capital internacional com condições vantajosas para essas grandes redes, que se responsabilizaram do abastecimento alimentar. Hoje apenas o grupo Pão de Açúcar, que está entre os três maiores no mercado nacional, tem origem brasileira embora cerca de 50% do seu capital já esteja sob controle do Grupo Casino, francês.

Este domínio afetou diretamente os padrões, normas e procedimentos para os fornecedores de alimentos e matéria prima. A concentração de renda e a exclusão nas cadeias produtivas foram, por outro lado, combatidas pela agricultura familiar em parceria com organizações locais. A progressiva retirada do Estado fragilizou esses setores, que se organizaram para apresentar alternativas ao modelo hegemônico. Movimentos e segmentos sociais comprometidos com a soberania alimentar passaram a trabalhar com os princípios da agroecologia para lutar pelos seus

direitos. A agricultura familiar e camponesa constituiu-se, historicamente, em forte elemento de identidade entre as diferentes experiências de produção ecológica da Região Sul.

Ainda que as experiências agroecológicas ainda sejam minoria, elas têm se revelado importantes na construção de alternativas de desenvolvimento para a agricultura da região. É um precioso laboratório de geração e intercâmbio de tecnologias e processos organizacionais. Nesse processo tem sido fundamental redesenhar as formas de processamento, comercialização e certificação do produto ecológico, a construção ativa de um mercado que busca evitar ou minimizar a presença de intermediários. Nesse sentido, lutam por mercados agroalimentares que garantam o acesso universal aos alimentos, disponibilidade e regularidade de oferta, sustentabilidade ambiental dos mecanismos de comercialização, redesenho das relações sociais e, inclusive, a participação social nos mercados.

As experiências da caravana

O trabalho coletivo das organizações locais e agricultores familiares gerou diversos empreendimentos e projetos na região, muitos deles fortalecidos com o apoio das políticas públicas via o mercado institucional. É o caso do Grupo Sabores da Terra, que produz principalmente juçara, pastas, bolos e pães, além de hortaliças, no Rio Grande do Sul. Nasceu em 2010 em Maquiné (RS) e hoje atende 30 mil escolares no litoral norte gaúcho por meio do PNAE. São apoiados pela Ação Nascente Maquiné (Anama), com ações de educação alimentar, ambiental e segurança nutricional para potencializar o grupo. Seus produtos são vendidos in natura por falta de uma agroindústria, que é sua atual meta.

“Enfrentamos dificuldades para fazer uma cooperativa, problemas com as prefeituras, eles não compram

os 30% da chamada pública do PNAE por ser um grupo informal. Estamos inserindo novos alimentos nas merendas, entregando polpa de juçara para escolas estaduais. Temos a meta de atingir novas chamadas públicas”, disse uma coordenadora do projeto.



A autonomia das mulheres também ficou em evidência no percurso, através da Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas (Amadecom), na Comunidade da Boa União (RS). Nascida nas missões religiosas em 1998, começou com vinte e duas mulheres com forte intenção de preservação da saúde e meio ambiente. Seu principal produto é o açaí da juçara, mas também produz sucos, doces, bolos e biscoitos.

Aprenderam com o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) a plantar, colher, fazer a prevenção da saúde, conhecer seus corpos, as plantas medicinais, dentre outras coisas. A necessidade de gerar renda continuou impulsionando o grupo e as parcerias foram ampliadas e fortalecidas. “Entrei nisso para contribuir na renda de casa, até para a minha auto estima, meu marido ficava descontente de eu sair e só gastar sem botar nada em casa. Isso não é só para mim, mas também para minhas companheiras”, disse Celi Aguiar, da coordenação do MMC e sócia fundadora da associação.

A agroindústria delas é registrada na Vigilância Sanitária e no Ministério da Agricultura, graças ao apoio do Centro Ecológico, organização local, e estão pensando em fazer um lote de embalagens com a marca da polpa da juçara. As dificuldades administrativas, no entanto, ainda são muitas. “Em 2006 foi o primeiro projeto do PAA, durante dezoito meses três caminhões cheios para três creches e mais alguns colégios. Primeira vez que botei um dinheirinho no bolso, mas

foi por pouco tempo porque nos denunciaram por falta de alvará de saúde. Mas voltamos e ganhamos o prêmio de primeiras agricultoras a fornecer alimentação para escola no estado”, explicou Celi.

A importância do consumidor

Com o crescimento da produção agroecológica, os consumidores em parceria com as organizações locais e os agricultores resolveram estimular ainda mais a produção de alimentos saudáveis. Através dessa articulação e necessidade nasceu a ideia de criar cooperativas de consumidores de produtos ecológicos, espelhadas no modelo da Cooperativa Coolmeia, de Porto Alegre. Após a tentativa de feiras, entrega de cestas em domicílio, dentre outras alternativas, as cooperativas de consumo se mostraram a solução mais acertada para o escoamento da produção na região.

A caravana passou por duas dessas experiências: a Cooperativa dos Consumidores de Produtos Ecológicos Três Cachoeiras (Coopet) e a Eco Torres, ambas no litoral norte do Rio Grande do Sul. As duas foram criadas há mais de dez anos e possuem cerca de cem associados, muitos deles agricultores e agricultoras que buscam uma alimentação saudável e o estímulo à iniciativa. Cada uma tem sua dinâmica, como o sistema de mensalidade ou aproveitamento de outras atividades como a venda de sorvete de frutos nativos.

“Essa organização mostra que já estamos bem cientes do que queremos, é uma orquestra com agricultores, professores, consumidores, etc. É a festa da vida, estimula muito mais os agricultores porque já têm uma venda garantida”, disse Sidilon Mendes, sócio-fundador da Coopet.

Os produtores entregam diretamente nas lojas, que estão inseridas nas redes locais de comercialização. As vendas das verduras, frutas, hortaliças e produtos industrializados, principalmente integrais, garantem o pagamento dos funcionários e a manutenção do projeto. Fruto da mobilização de pessoas, que também buscam colaborar com o meio ambiente e para permanência dos agricultores familiares no campo, a iniciativa serve de exemplo para outras cidades. Os debates reforçaram a necessidade de reconhecimento dessas iniciativas e inclusão de suas necessidades e demandas nas ações do poder público

A dinâmica em redes

Segundo o agricultor José Antônio Marfil, entre o final do ano de 2006, quando começaram as primeiras iniciativas de trocas de produtos, até o ano de 2009, cerca de 1.500 toneladas de 60 alimentos diferentes circularam no âmbito do Circuito Sul, da Rede Ecovida. Tais volumes representaram um valor de R\$ 2 milhões em recursos financeiros, o que significou um valor médio de R\$ 2.500,00/ano por família envolvida. Hoje há em torno de 500 famílias comercializando diretamente os seus produtos no circuito e indiretamente mais de 1000 famílias. São mais de 50 itens comercializados, e o volume comercializado chega a 15 toneladas de produto ecológico por semana.



Baseado nos princípios da economia solidária e da Agroecologia, o Circuito foi criado para ampliar e qualificar o abastecimento nas estratégias estabelecidas em cada região. Funciona com base em seis estações-núcleos, cada qual equivalendo a um dos 26 núcleos regionais da Rede Ecovida, e nove municípios representam as subestações núcleo. As estações e subestações são pontos de reunião e distribuição dos produtos para a comercialização. Envolve atualmente aproximadamente 1500 famílias agricultoras, sendo destinados às feiras, PNAE, PAA, pequenos comércios e distribuidores e grupos de compras e trocas coletivas e solidárias. O funcionamento das rotas não é fixo, algumas funcionam somente em determinados períodos do ano.

Diversas experiências, como as da Ecoterra ou da Associação dos Colonos Ecologistas do Vale do Rio Mampituba (Acevam), visitadas durante a caravana, canalizam a partir do território a comercialização da produção local pela região. Os núcleos da Rede Ecovida articulam essa comercialização entre os produtores e os consumidores, o campo e a cidade. A proposta da Cadeia Produtiva das Frutas Nativas também é um exemplo bem sucedido, ao implementar um processo articulado de produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos, estimulando a conservação da biodiversidade local a partir da economia solidária. A comercialização coletiva tem seus benefícios e complicações: se por um lado reduz alguns custos, como o de transporte,

gera dificuldades na gestão e planejamento da produção devido à diversidade de dinâmicas. Tudo passa por um controle de qualidade, mas as mudanças de gestão dos governos estaduais e municipais podem gerar pressões nas organizações.



Todo o processo ocorre de forma participativa, inclusive a certificação dos produtos, que também foi discutida na caravana. O diálogo com os gestores se faz necessário, assim como a importância das assessorias técnicas. Outro exemplo é o de 210 famílias atendendo três regiões do Rio Grande do Sul, com vinte empreendimentos urbanos, principalmente cooperativas de alimentação e padarias. O potencial de frutas nativas na alimentação escolar, que tem várias implicações nutricionais, também tem sido explorado por meio do PNAE. Cada etapa nessa engrenagem é fundamental, pois todo o circuito está interligado desde a colheita até a venda.

As feiras agroecológicas populares também têm se destacado nesse contexto. A Feira Agroecológica de Curitiba/SC, protagonizada por agricultoras integrantes do MMC foi visitada na Caravana, sendo um bom exemplo deste importante canal de comercialização. Essas iniciativas garantem uma comunicação direta entre o consumidor e o agricultor, que ainda abastece asilos, creches e escolas, através do PNAE ou PAA, para complementar sua renda.

Conclusões e reivindicações da caravana

A agricultora Noemi Krefta, do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), lembrou que o processo preparatório da caravana deu mais ên-

fase à participação da base das entidades. Nesse sentido, explicou, ocorreram visitas às experiências nas caravanas para dar consistência e visibilidade ao acúmulo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). “A mídia diz que são pequenos nichos, mas somando todos os pontos que temos e dando visibilidade e eles vamos ter muita coisa. Junto com esse trabalho das ações práticas da produção dos alimentos e o cuidado com a biodiversidade temos que fazer a luta de enfrentamento, e precisamos de políticas públicas que nos dêem sustentação. Trabalhar os direitos dos agricultores e das agricultoras está dentro desse processo da agroecologia que a gente quer”, afirmou Noemi.

A adequação da legislação à realidade da agricultura familiar e camponesa e dos empreendimentos econômicos solidários urbanos (processamento, vigilância sanitária, tributação, etc.), políticas públicas específicas para estruturação das associações/cooperativas, acompanhamento técnico para organização dos agricultores, planejamento, produção, logística, interlocução, etc, foram algumas das reivindicações apresentadas pelos participantes da caravana para conquistar avanços nesses processos na região sul. Os apontamentos estão relacionados aos circuitos de comercialização, feiras agroecológicas, políticas como PAA e PNAE, dentre outras questões envolvidas.

Síntese elaborada pela secretaria executiva da ANA a partir de relatório produzido por Ana Luiza C.B. Meirelles e Eliziana Vieira de Araújo.



Caravana
Agroecológica
e Cultural do
Rio de Janeiro

19 a 21
novembro

RIO DE JANEIRO
NOVA BRUNÇA



02.000218-7

LPW-3219

RENAULT

Master

RJ

CARAVANA AGROECOLÓGICA E CULTURAL DO

Rio de Janeiro

A Caravana Agroecológica e Cultural realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 19 e 21 de novembro de 2013, buscou evidenciar os intensos conflitos socioambientais que incidem sobre a região metropolitana do estado e representam ameaças diretas à agroecologia e à vida camponesa. Mais de cinquenta pessoas vivenciaram as experiências nos três dias de percurso, e aproximadamente 30 entidades se envolveram na organização da caravana, cuja comissão organizadora foi liderada pela Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ).

Na Região Metropolitana, priorizou-se o reconhecimento das resistências e lutas em curso diante da implantação de megaempreendimentos siderúrgicos, esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas), construção civil (empreiteiras), imobiliários, entre outros projetos que ameaçam a agricultura familiar nos assentamentos da reforma agrária, criminalizam os agricultores que coexistem nas unidades de conservação e impossibilitam a agricultura urbana, invisibilizada pelas políticas de ordenamento territorial em curso no estado. Vargem Grande/Jacarepaguá/Campo Grande, região também chamada de sertão carioca, Nova Iguaçu e Baía de Sepetiba foram os três principais eixos das rotas da Caravana.

Diversas oficinas preparatórias e reuniões foram realizadas reunindo representantes dos territórios buscando a elaboração conjunta da programação. Também ocorreu o processo de mobilização e inscrição dos participantes envolvidos diretamente com o fortalecimento da agroecologia no Rio de Janeiro. O mapeamento garantiu a presença de agricultoras/es, pescadoras/es e outros

representantes das comunidades tradicionais e grupos populares atuantes nesses territórios.

Foi produzido o caderno do participante e outros materiais de comunicação, além da sistematização de pesquisas e publicações sobre os territórios. Uma página compartilhada da caravana atualizou as atividades na internet e mídias sociais, garantindo mais um espaço de diálogo com a sociedade. A construção de parcerias com o poder público local para a viabilização das atividades nos espaços públicos e com outros grupos também foi muito importante no adensamento da rede de parceiros do movimento agroecológico.

A caravana contou com apoio do PDA/MMA, através de projeto executado pela AS-PTA, de recursos do PACS e do Rio Rural na disponibilização de van. Houve ainda parceria para mudança da data da feira da Roça de Nova Iguaçu, via prefeitura do município e liberação dos guardas do parque da Pedra Branca pelo Instituto Estadual do Ambiente (INEA). A Rede Ecológica fez a doação de 10kg de arroz integral. Materiais de comunicação foram produzidos com apoio do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA.

Ato político na abertura

Após o acolhimento no Pier de Guaratiba, na Baía de Sepetiba, em Pedra de Guaratiba, os participantes formaram um cortejo para o ato e mística de abertura. Com o mote “Ocupa Pier”, os participantes retrataram a diversidade de temas e denúncias que a caravana englobou em sua proposta de diálogo com a sociedade. Depois

da fala de reconhecimento dos coletivos participantes, as crianças que fazem parte da Fundação Xuxa Meneguel levaram mudas de árvores nativas e entregaram aos participantes receitas de alimentos preparados com frutas, verduras, legumes e outros produtos agroecológicos.

O centro dos debates foi composto pelas falas dos pescadores, em grande parte residentes de Santa Cruz, na zona oeste, onde são atingidos pela Siderúrgica ThyssenKrupp (TKCSA). A Baía de Sepetiba, onde está instalada a empresa, tem mais de 300 ilhas entre matas, mangues e restingas, é moradia e sustento para inúmeras famílias. A natureza e sua diversidade permitem que agricultores familiares, pescadores, indígenas e quilombolas convivam na região. Os pescadores e os representantes do PACS apontaram os diversos impactos que as comunidades estão sofrendo devido o descaso da empresa e do poder público. As denúncias não se restringem aos problemas de saúde e a poluição do ambiente, englobam ainda ameaças e pressões morais de diversas naturezas. Os pescadores, por exemplo, estão impedidos de manter suas práticas tradicionais de pesca e agricultura.

Seu Oseias, de 70 anos, pescador e morador da região da Baía, é contundente: “Antes na minha região tinha um núcleo agrícola que produzia tudo quanto era verdura. Com a chegada das indústrias de zinco poluidoras, o Porto de Sepetiba e Furnas, não é só a TKCSA, poluiu. Quando a TKCSA começou a fazer a obra, destruiu a pesca artesanal que muitas famílias dependiam dentro do Rio São Francisco e Guandu. Morreu até pescadores atropelados pelos navios que levavam materiais para a obra. Agora

mesmo minha casa estourou, está toda rachada. É um impacto da obra”, disse. “É preciso questionar que desenvolvimento é esse? Que potência o Brasil deseja ser? O desenvolvimento que traz contradições como a TKCSA, que atinge os pescadores, produz tantas remoções. Qual é o sentido do desenvolvimento que traz tanta desigualdade e pobreza?”, questionou Sandra Quintela, do PACS.

A abertura da Caravana ainda contou com a apresentação musical de Yoran Carlos, *rapper* de 15 anos, morador de Campo Grande e participante do Projovem. Sua música, assim como as emocionadas falas dos moradores locais, ressaltou a importância da questão agroecológica na região.

Agricultura Urbana

A primeira experiência percorrida foi o quintal agroecológico e urbano da Dona Lena, em Guaratiba: plantas medicinais e frutíferas, dentre outras. Uma roda de conversa possibilitou a troca de saberes e práticas sobre o assunto. A Rede de Economia Solidária e a Rede Carioca de Agricultura Urbana animaram o debate. Em pequenos potes, na laje de casa e em pequenos canteiros, o aproveitamento de espaços na cidade para cultivar alimentos de forma agroecológica resgata práticas culturais relacionadas à agricultura e à saúde, gera renda para as famílias e estimula práticas comunitárias de partilha de

conhecimentos. O trabalho de Dona Leda está ligado a Rede Fitovida e sua comunidade através da Pastoral da Criança, estimulando a agricultura urbana, o combate à desnutrição infantil e a difusão dos fitoterápicos.



“Comecei por necessidade há 5 anos, só tinha o salário do meu esposo pra mim, ele e meu filho desempregado, aí eu vendia plantinha ali na pista. Vendia as medicinais pra divulgar a importância, e fui vendendo frutíferas. Me sinto muito bem fazendo isso (...) Tenho amoxicilina, atroveran, dipirona, tudo no meu quintal. As pessoas nem têm dinheiro, mas vão à farmácia comprar remédio”, conta Dona Leda sobre as ervas de seu quintal.



Outra experiência interessante que atende crianças foi visitada na Fundação Xuxa, em Campo Grande, também na zona oeste, que recebe alimentos da agricultura familiar. As crianças mostraram como é a dinâmica da merenda nas escolas, trazendo como pano de fundo todo o debate sobre os mecanismos políticos corruptos que envolvem a precariedade da merenda na rede pública municipal e a dificuldade de acesso dos agricultores locais à política pública.

O Plano Diretor extinguiu as zonas rurais do município do Rio de Janeiro, isso significa que a prefeitura não leva em conta os agricultores, que ficam sujeitos ao pagamento de impostos urbanos, como o IPTU. “A Caravana é um momento muito especial para a Agricultura Urbana. Pois, além de comunicarmos para a cidade sobre a agroecologia, dar visibilidade ao movimento agroecológico, a gente diz também que nessa cidade tem agricultura. Tentamos romper com essa desinformação”, disse Bernardete Montesano, da Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Depois de hospedados no Campus Mata Atlântica da Fiocruz, que mantém experiências de agricul-

tura urbana, todos visitaram a Vila Autódromo, em Jacarepaguá, zona oeste, onde cerca de 500 famílias estão ameaçadas de remoção por conta das obras para as Olimpíadas. É o principal símbolo da resistência das comunidades do Rio de Janeiro pelo direito à

moradia. Começou como uma vila de pescadores, à beira da Lagoa de Jacarepaguá, e foi agregando, inclusive, moradores de outras comunidades removidas por intermédio da prefeitura. Embora com todos os documentos, sofrem há anos com a pressão dos condomínios no entorno e os grandes eventos, como o *Rock in Rio*. No local foi visitada uma horta comunitária, onde houve o intercâmbio de saberes. “Querem especular. A nossa terra vale muito. Por isso, passam por cima da Justiça, do direito à moradia e à terra, já que a comunidade está no local há 40 anos. Temos documentos que provam que temos o direito a ela”, diz Altair, liderança da comunidade.

Parque Estadual da Pedra Branca

Seguindo para Vargem Grande, também na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a caravana foi recebida por lideranças e agricultores do Maciço da Pedra Branca, que expressaram os conflitos e riquezas das experiências locais. O conjunto de montanhas, assim denominado por causa de sua montanha mais alta, abriga o Parque Estadual da Pedra Branca, maior floresta urbana no mundo. É no entorno e em áreas do Parque, instituído em 1974, que agricultores e agricultoras têm se mobilizado pelo reconhecimento da prática agrícola realizada em espaços da cidade e sua inserção no âmbito das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar. A região foi por muito



tempo polo de abastecimento agrícola da capital e, hoje, a atividade persiste e tem relevância econômica e social para a manutenção dessas famílias. Devido às pressões, muitos venderam suas propriedades, que hoje são grandes condomínios residenciais.

No ato foi construído um espaço interativo, com faixas, banners e cartazes. Também houve uma exposição de fotos do Instituto Histórico de Jacarepaguá, dos estudantes do Colégio Teófilo, e distribuição de sementes e mudas. Um jornal produzido por participantes da caravana foi distribuído, representando uma grande conquista na comunicação popular rumo ao III ENA. Durante o ato Alan Tygel, do Comitê RJ da Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e Pela Vida, falou sobre as contaminações, inclusive com mortes de agricultores, em Campos dos Goytacazes, na região norte do Estado.

Música e apresentações culturais estiveram presentes na praça, que reuniu o maior público da Caravana e foi um grande espaço de diálogo com a sociedade. Na comunidade quilombola Astrogilda, também no Parque, ocorreu uma roda de capoeira no dia da consciência negra (20/11), quando se lembra Zumbi dos Palmares, que marca a luta pelo reconhecimento da diversidade racial. A comunidade fica isolada por uma estrada de terra batida, em meio à mata atlântica

nativa, com algumas casas de pau a pique, em harmonia com a natureza. A presença de plantas medicinais e jardins são mais um elemento de sua tradicionalidade. Nessa comunidade, constituída por laços de família, reside Pedro Mesquita, primeiro agricultor da cidade a obter a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) e participar localmente do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). São importantes conquistas na busca por reconhecimento pela agricultura de base ecológica na cidade.

Os residentes do Parque relataram as pressões sofridas há várias décadas pelos órgãos ambientais, que defendem um Plano de Manejo que exclui as/os agricultoras/es. As famílias mantêm práticas agroecológicas e agroflorestais em consonância com os sistemas ecológicos locais, mantendo vínculos culturais, socioeconômicos e ambientais, que garantem a conservação da mata atlântica e o uso turístico sem depredação. Por outro lado, a Feira Orgânica de Campo Grande, com mais de 10 anos, a Feira Agroecológica da Freguesia, inaugurada em 2013 como parte do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas, têm sido fundamentais para os agricultores. A Caravana expôs essas contradições e fortaleceu a luta das famílias. “Estamos saindo da invisibilidade. Aqui sempre trabalhamos com a Agroecologia, pois somos todos agricultores descendentes diretos de quilombolas”, disse o morador Sandro.

No local foram visitados alguns quintais produtivos com alimentos agroecológicos. A produção de banana, hortaliças, caqui e a riqueza das garrafas e preparados medicinais nos quintais repletos de espécies traz para a Caravana o debate sobre a produção baseada nos Sistemas Agroflorestais. Os caravaneiros cantaram o Xote Agroecológico no pequeno bar e restaurante da comunidade, que presenteou o grupo com muito samba de raiz.

Baixada Fluminense

O Assentamento de Campo Alegre, em Queimados, é uma das primeiras ocupações do estado e marca a luta pela terra e reforma agrária. As organizações locais estão fortalecendo a agroecologia e promovendo o papel da juventude no local. Outra conquista na região é a Feira da Roça de Nova Iguaçu, que começou em um galpão e está desde 2006 semanalmente na praça da cidade reunindo agricultoras e agricultores de várias regiões da Baixada e evidenciando a grande diversidade da produção de assentamentos, comunidades e cooperativas locais. Seu principal objetivo é fortalecer um mercado que aproxime consumidores e agricultores para a comercialização direta de alimentos saudáveis, produzidos localmente. A caravana fortaleceu a comercialização da feira e a manutenção dos direitos dos agricultores na utilização do espaço público para venda e troca de seus produtos, pois recentemente a feira havia sido absurdamente proibida pela nova gestão municipal.

“A feira garante um espaço de diálogo com a sociedade, mostrando que é possível e necessário construir estratégias que nos libertem do modelo convencional. Essa Feira não é de hoje e nem de ontem, vem da experiência desses agricultores, trabalhadores que precisam confrontar o poder público para garantir a possibilidade de estar aqui”, afirmou Sônia Ferreira, da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Ao final do dia passaram pela comunidade de Marapicu, onde as famílias se organizam em torno da produção agroecológica, participando da Escolinha de Agroecologia, que existe desde os anos 2000, e que conscientizou a população local. A comunidade existe desde a década de 1980, e suas famílias influíram nas determinações do Plano Diretor da cidade em relação à delimitação das áreas rurais. Existem três grupos de extensão rural no território: florestal, fitoterápicos e apicultores. No assentamento foi visto o manejo do



solo e implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), dentre outras experiências. “Aqui nunca falta água, porque eu sempre deixo o solo coberto, sempre mantendo o lençol freático protegido. Diferente de muitos aí que tiram a planta e tacam fogo”, disse o agricultor Domingos.

No lote do seu Israel foi possível conhecer práticas de adubação verde, com uso da gigoga, por exemplo. Mantém crotalaria e mucuna juntamente com outras árvores frutíferas. Falou ainda das técnicas de cerca viva e da sua opção por nunca usar veneno. Produtos fitoterápicos do Grupo Fitocam também foram apresentados.

Avaliações finais

Os caravaneiros celebraram as conquistas da atividade. A troca de experiências, a integração de realidades distintas e o fortalecimento dos grupos resistentes aos diversos processos conflituosos que marcam a região foram realizações fundamentais na preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia. Muitos se queixaram das dificuldades com o deslocamento na cidade, o que reflete a fragilidade da mobilidade urbana e a necessidade de integrar o debate aos demais conflitos territoriais do estado, mas avaliaram que a caravana foi um sucesso.

“Estamos lidando com a contradição. Vemos problemas sociais seríssimos. Vivemos também

a delícia de estar em contato com pessoas que nessa busca pela resistência fazem um trabalho lindo, de manter a cultura da agroecologia. Como transformar essa indignação em ação? Vi a dificuldade de transporte nas vias de acesso... A reflexão que fica é participar da Articulação, é importante estar mais perto. Além disso, precisamos sensibilizar o consumidor”, destacou Silvana, da Rede Ecológica.

“Esse pessoal (das empresas) diz que tá tudo “ok”, mas não está não. A população vai continuar gritando. Não vamos parar enquanto não formos vencedores. Não queremos nada de ninguém, queremos nosso direito de viver, de pisar em uma terra sadia. A luta dos pescadores é a mesma luta dos agricultores. Seguimos juntos, agora ainda mais”, desabafou seu Jacir, pescador de Santa Cruz atingido pela TKCSA.

“Envolver as pessoas ainda é um desafio para quem trabalha com a agricultura no Rio de Janeiro, com o movimento da agroecologia. Como é rico ouvir o pescador para conhecer suas dificuldades. Ver um agricultor que saiu de longe para conhecer outras experiências. Foram tantos os temas que passaram por aqui. Esses são momentos de fortalecimento. A Articulação de Agroecologia é pra isso: unir para enfrentar os obstáculos”, complementou Danielle Sanfins, da AS-PTA.

A visibilização dos conflitos territoriais, o fortalecimento da parceria entre o movimento de pescadores e os agricultores e a articulação das diver-



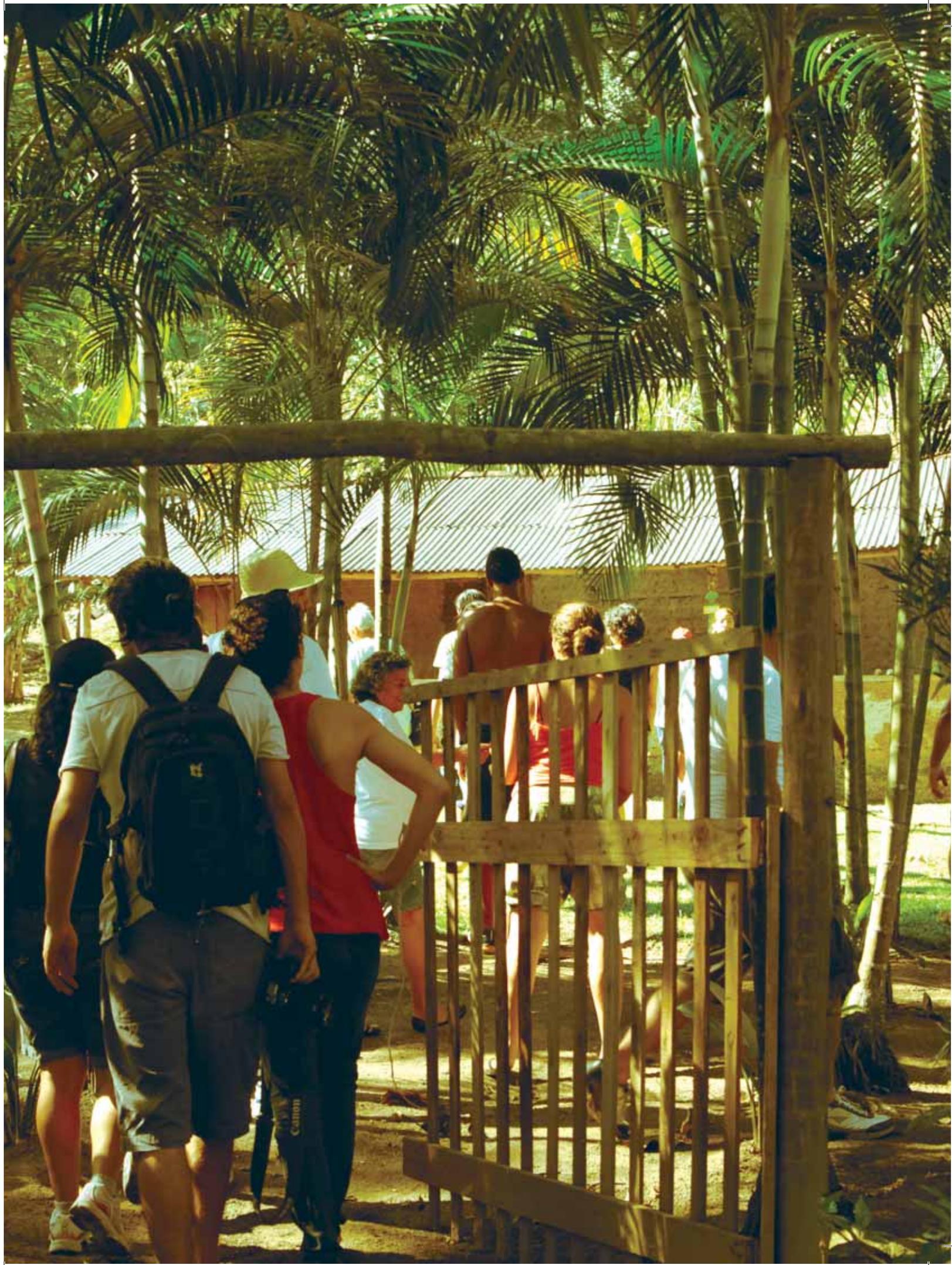
sas dimensões pelas quais a agroecologia interage na construção de sistemas societários alternativos foram as principais conquistas da Caravana. A ampliação do envolvimento de mais agricultoras de outras regiões nos momentos preparatórios também foi apontado, assim como a necessidade de garantir a alimentação agroecológica local.



Os movimentos estão pensando em caravanas e processos preparatórios regionais para fortalecer a unidade estadual rumo ao III ENA. A sistematização de um banco de imagens, notícias e o fortalecimento da comunicação popular foi outro encaminhamento. Mais do que visibilizar as experiências, a Caravana possibilitou a compreensão, ainda mais clara e atualizada, de que a promoção de outro modelo de agricultura passa pelo enfrentamento dos conflitos políticos que produzem nos territórios processos de exclusão, expropriação e cerceiam cotidianamente a agroecologia.

Muitas articulações se estabeleceram ao longo de sua realização. O cortejo festivo, alegre, colorido, mas também firme, incisivo e resistente – como as falas dos representantes das comunidades – que marcaram a realização da Caravana Carioca, segue pelas ondas, ruas, lotes, quintais, baías, praças e parques, onde a agroecologia cresce, fortalece e inspira histórias de luta e de vida.

Síntese elaborada pela secretaria executiva da ANA a partir de informe produzido por Natália Almeida Souza.



Realização:



Apoio:



Ministério da
Agricultura Pecuária
e Abastecimento



Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Ministério do
Meio Ambiente

